

O Brasileiro é vira-lata

MD Magno

Trecho de uma seção dos *SóPapos 2013*,
realizada em 10 agosto na UniverCidadeDeDeus,
sede da NovaMente.

18

Tenho recomendando várias leituras ligadas à política. Leiam o livro de Geoffroy de Lagasnerie, *A Última lição de Foucault* (São Paulo: Três Estrelas, 2013), no sentido de preparar algum repertório para abordarmos com mais clareza o que chamo de **Diferocracia**, que é a postura política que nos cabe, ligada à psicanálise. O interesse é fazer a crítica das formações políticas e pensar o que possa ser a Diferocracia – quem sabe se provável no Quarto Império – e mostrar que ela já é e sempre foi, embora não realizada, a política adequada a uma instituição psicanalítica. A forma de governo e de lidar com a política do que possa ser uma instituição psicanalítica é a forma de governo que deveria entrar no Quarto Império no Mundo. Mas, isso, daqui a duzentos anos, pois até lá todos que estão vivos hoje já morreram, então alguma pressão renovatória vai ocorrer nem que seja por força tecnológica. Esta cachorrada acaba e vem outra, que pode estar sintomaticamente diferente e mais adequada para uma instalação nova.

É grande o levantamento de dados do livro que também recomendei, *História do Brasil vira-lata: Razões históricas da tradição autodepreciativa brasileira*, de Aurélio Shommer (São Paulo: Casarão do verbo, 2012). Primeiro, o autor quer demonstrar que o Brasileiro não é vira-lata, mas, digo eu, é sim: **O brasileiro é vira-lata e o português também é vira-lata**. Eu sou brasileiro e português: sou dois vira-latas...

• P – *Um vira-lata tem que ter complexo de autodepreciação?*

Não. O autor quer fazer algo que me parece antiprodutivo, afirmar que *não* somos vira-lata. Não acho que toda a Península Ibérica o seja, mas Portugal, que nos pariu, não tem complexo, é vira-lata sim. Nelson Rodrigues estava errado, o brasileiro não tem complexo de vira-lata, ele é vira-lata. E fica, mazombamente, querendo ter *pedigree*. O erro, então, não é ser vira-lata, é ser um vira-lata com inveja de um cachorro que tem *pedigree*, que é pior do que ele. Cachorro com *pedigree* pode ser bonitinho, mas é fresco, pega doença à toa, morre fácil, não serve para muita coisa. Minha posição é: por que não podemos ser vira-lata direito? O vira-lata é semelhante ao heterofágico, ao antropofágico, de Oswald (não gosto do *antropos* aí, pois trata-se de comer de tudo, ser onívoro). Significa que podemos comer de tudo, transubstanciar e, de maneira vira-lata, continuar virando todas as latas sequer se importando de onde veio a lata. Isto é mais perto de Quarto Império do que o *pedigree*. Portanto, não gosto de autores que afirmam que não somos vira-lata. É o contrário: é bom justo porque é vira-lata. Estão errados em querer desfazer esta imagem. E não há complexo algum, pois nosso “*pedigree*” é: vira-lata.

Trata-se, então, de fazer direito ao invés de ficar um vira-lata querendo imitar cachorro de raça. E também é preciso saber que Portugal é vira-lata, sempre foi. O que aconteceu na Península Ibérica, não para o lado da Espanha, que é menos do que isso, mas especificamente em Portugal, foi a miscigenação de tanta coisa: germanos, visigodos, judeus, romanos, árabes, negros... Não havia índio, mas havia indianos. Portugal é, pois, essa vira-latice. Vejam Fernando Pessoa e outros escritores portugueses vivendo na nostalgia do Grande Portugal, que foi um excelente acidente vira-lata. Por acaso, inventaram uns barquinhos vagabundos, de péssima qualidade, conseguiram atravessar os oceanos a duras penas, morrendo a metade dos que embarcaram... A tal Escola de Sagres foi pura mitologia, o que existiu foram os Templários – mais uma miscigenação –, que fugiram para lá e se chamaram de Ordem de Cristo. Eram uns reis e outros que tinham know-how e dinheiro roubado da França. Os portugueses, então, conseguem fazer esse feito enorme que só um vira-lata consegue, pois aqueles com *pedigree* pensam duas vezes e não vão sair atravessando o oceano. É preciso, portanto, aproveitar e honrar a herança que se tem, e não ficar invejando a dos outros. A psicanálise ensina que é preciso saber

exatamente qual é a construção de cada um, qual é o rol de suas formações e colocar tudo isso em exercício.

Portugal sempre foi uma coisa desarranjada. Os próprios portugueses dizem frases como “lá na Europa”. Isto porque têm tanta confusão genética e cultural que se veem diferentes do resto. Não são gregos, italianos ou latinos propriamente, são e sempre foram esquisitos. A vantagem disso é que nunca conseguiram ser clássicos ou barrocos, foram maneiristas desde o nascimento – o que é virtude do vira-lata, e não do *pedigree*. O resto da Europa sempre os olhou desconfiadamente. Basta ver quantos anos levaram para perceber que Fernando Pessoa era o maior poeta “do lado de lá”. O esquisito em Pessoa é ele ser várias pessoas, brilhantemente vira-lata e maneirista: produzir heterônimos é não acreditar em *pedigree*.

- P – *O autor, Aurélio Shommer, diz que o movimento de globalização começou pelos portugueses.*

E isto já é um fenômeno vira-lata e antropofágico. Oswald tinha sacado que é uma vontade de comer o outro. Os portugueses não podiam ver uma negra que diziam: “Oba! Isso já vem torrado!” Franceses e alemães tinham nojo. Essa mentalidade que está neles é que temos que recuperar. Como português não tem xenofobia pensam que tem complexo de inferioridade, mas o que há é que ele topa conhecer, transar as coisas. O ruim em Portugal é a pressão da igreja católica. Quando se escapa dela, tudo é ótimo. Isto é o que nos interessa, pois é o mais parecido com o século XXI e com o Quarto Império do que o resto. O resto, aliás, está tentando se tornar vira-lata. Globalização é uma tentativa de vira-lata, de não ter *apartheid* e separações.

- P – *O aspecto depreciativo surge também em autores brasileiros como Paulo Prado, que seria alguém do pedigree.*

Pedigree é mazombismo. Ao invés de perguntar quem somos nós, que língua falamos, quais aspectos culturais e transas temos, para colocar tudo isso para cima, ficamos de olho na Europa. Essa gente queria ser francesa, alemã, holandesa. Não é, a imitação não dá certo. Por que não ir lá fora e roubar o que eles têm? Quanto a mim, fui à França e roubei tudo que pude, agora falo o que é meu. Nosso jeito de olhar não é aquele, que é coisa de francês, de alemão... Não somos aquilo.

O que é o *Modernismo* em sua emergência brasileira? Cópia da França. Antes do modernismo, o vigor da pintura e da escultura acadêmicas veio da França. O

centro da cidade do Rio de Janeiro é francês. A Missão Francesa de 1816 veio estragar a expressão artística que estava começando aqui. Foi uma idiotice, pois tínhamos uma emergência pseudo-barroca no interior de Minas Gerais. Digo “pseudo” porque, na verdade, era maneirista. Ninguém vai me dizer que Aleijadinho e o dito barroco brasileiro sejam barrocos. Aquilo é maneirista, já estava nascendo sem interferência direta de Lisboa. A missão de 1816 foi um desastre. Só fomos nos recuperar muito depois. E mais ou menos, pois também não gosto da construção de Brasília.

Há uma tese do autor do livro *História do Brasil vira-lata* que acho procedente: os portugueses não foram invasores que tomaram as terras dos **índios**. Se não tivessem invadido, haveria ainda um monte de botocudos aqui morando em casebre de palha. Os portugueses trouxeram a riqueza. Os índios brasileiros, por serem nômades, sequer tinham terra. Os índios norte-americanos são diferentes, tinham assentamento. Os brasileiros eram primitivos e deram graças a Deus de receberem os portugueses. Primeiro, eles eram pouco “dotados” e as índias ficaram muito felizes com os portugueses – o que resultou no monte de mamelucos que é a produção nacional. Foram eles que fizeram o país, as Entradas e Bandeiras... Segundo, os índios não tinham agricultura. A moda é proteger, devolver-lhes a terra, mas eles não tinham terra alguma. Basta ver as imagens das manifestações dos atuais indígenas. Não há um único índio puro, só caboclo. Está tudo misturado. Eles têm certa descendência, mas não há índio, a não ser aqueles perdidos no meio do mato e ainda não “encontrados”, por nós. Além disso, o pior é que, em vez de assimilar, querem infantilizar e regionalizar os tais índios. Seria melhor assimilá-los e torná-los civilizados. Seria bom para eles.

Como sabem, faço uma séria crítica a tribos indígenas, sobretudo brasileiras. Elas são extremamente repressivas. Basta considerar que ao juntarmos um bando de gente, se a cultura que aí brotar não for repressiva, ela crescerá e se civilizará sozinha. Então, se ficou assim primitiva durante tantos séculos é porque são repressivas demais e não deixam mudar. Conheci antropólogos de campo que ficaram espantados com tribos que tinham um código de matar as crianças que consideravam não adequadas. E mais, se a criança faz algo fora do regime tribal, eles a *arranham* em vez de bater. Não se pode sair deste regime. Talvez já haja pesquisas sobre o teor e a pressão repressiva das tribos indígenas que não as deixa crescerem sozinhas. Eles cresceram *copiando* os portugueses. Sozinhos, talvez estivessem até hoje naquela

vida de tribo miserável. Mas a porcaria do *bom selvagem* pegou por aqui. Logo o famigerado JiJi Rousseau, que era tão bonzinho que colocava seus filhos, legítimos ou ilegítimos, na roda do convento, na janela dos enjeitados. O selvagem que não é bom é ele, o bom é o de cá, certamente. Não vi outra pessoa dizer tanta besteira. Seu pensamento pedagógico imperou por causa daquele Iluminismo idiota e totalitário. Esquecemos de ver que o Iluminismo é totalitário ao afirmar que “nós é que sabemos das coisas e o mundo deve ser assim assado”. A única vantagem do Iluminismo chama-se Voltaire, que ficava emulando o JiJi.

Outro tema que o autor aborda é o da **escravidão**, que já veio pronta da África. Ela não foi inventada aqui. A África nunca conseguiu ser unificada. Os territórios brasileiro e norte-americano são enormes, mas cada um é um Estado. Não existe A África, os Estados Unidos da África, porque eles são tribais demais, vivem brigando uns com os outros, escravizando e vendendo as tribos inimigas. Ou seja, no tempo da escravidão, eles já vinham escravizados, não se tornavam escravos *aqui*. Isto, aliás, não é diferente do que ocorre na história do Ocidente. Basta ver a escravidão romana, que não é de negros, e sim de inimigos.

- P – *Duas tendências se estabelecem aqui. Uma, por parte dos índios, repressiva e infanticida. Outra, por parte dos africanos, fratricida, contra a tribo vizinha.*

Os portugueses não tinham nenhum desses dois sintomas em sua história, eram sempre assimilativos e de mistura. Portugal é tão misturado do ponto de vista genético que existem defeitos genéticos específicos dos portugueses. Já notaram que meu nariz é torto para a esquerda? É uma “quebra de simetria” portuguesa, o lado esquerdo é um pouco menor do que o direito. Há certos portugueses em que o lado esquerdo é quase dois terços do rosto em relação ao lado direito. Portugal é uma suruba de etnias.

- P – *Então, no processo de miscigenação que houve aqui, predominou o traço português sobre as tendências presentes nos índios e nos africanos?*

O português era mais rico. O Brasil é português: fala-se a língua, herdou-se a história e toda a riqueza cultural. A miscigenação é um efeito do português. Sobretudo, o que é importante para nós, do ponto de vista erótico, sexual. Qualquer menino da minha geração quase que só transava com as negras, que eram as que

davam para nós. As branqueiras eram cabaçadas, as empregadinhas eram dadivosas. Não era preciso forçá-las, elas não tinham os complexos da filha do patrão.

- P – *E como surge o racismo aqui?*

Somos racistas não por sermos portugueses, e sim porque somos gente. **Gente é racista toda vez que se depara com a diferença.** Basta observar que, sempre que se introduz uma pequena diferença aqui nesta nossa instituição, leva um tempo enorme para acabar o racismo e a xenofobia. São o racismo e a xenofobia da espécie que têm que ser diluídos.

- P – *A principal base da ideia de racismo enquanto tal é originária de Segundo Império?*

É, sobretudo, de Primeiro Império. Quando nossa identificação é primária, começamos a tratar a diferença imediata, “corporal”, como exótica ou até como inimiga. É depois que aquilo será assimilado, no Secundário. Se temos tal origem e essa origem que temos é menos poderosa que a do outro, este outro começará a nos tratar com desprezo, não por causa da origem, mas por causa do **poder**. É isto que não se entende. Se alguém tiver mais poder – político, financeiro, qualquer tipo de poder –, aquele tiver menos sofrerá certo desprezo. A pessoa se apoiará no poder que tem para pensar que ela é gente. As pessoas em geral, sobretudo as que não passaram por análise, para se sentirem importantes, precisam minimizar o outro. Isto é um sintoma brasileiro típico. No sintoma norte-americano, por exemplo, quando alguém se sobressai, o outro quer ser igual, a rivalidade é de ser igual ou melhor do que o outro. No Brasil, a rivalidade é de diminuir o outro para parecer que não somos uma merda. Isto não está no livro de Aurélio Shommer, mas precisava ser pesquisado, pois, aqui, as pessoas se sentem melhores diminuindo os outros, diferentemente de certos lugares em que elas se sentem melhores querendo ser tão grandes quanto ou maiores que os outros.

- P – *No livro de Raymundo Faoro, Os Donos do Poder: formação do patronato político brasileiro, de 1957, é dito que os portugueses, ao chegarem aqui, delegaram suas atribuições braçais aos escravos, pois qualquer trabalho manual era considerado menor.*

É certa herança aristocrática da Europa inteira: um aristocrata não bota a mão na massa. Mas isto já diminuiu, era muito pior. Os filhos da classe média brasileira, de brancos sobretudo, eram criados de tal maneira que não podiam participar da

limpeza da casa, não podiam ir à cozinha. Isto resultou em meninas incompetentes, que não sabem cozinhar, e meninos que são umas moçoilas. Se morarem sozinhos, suas casas serão um chiqueiro. Tive a sorte de, em minha casa, sermos obrigados a lavar privada, arrumar quarto, sala, etc. É uma sorte, o único defeito grave foi não terem me ensinado a cozinhar. Então, quando os portugueses viravam um pouquinho aristocratas queriam ficar parecidos com o resto da aristocracia. Estavam cansados de lavar penico, mas fingiam que não. Quanto a isso, acho a família real inglesa, de Windsor, admirável: os filhos lavam privada, aprendem a dormir ao relento, etc. Vejam que há uma aristocracia que é idiota que acha que é melhor do que os outros, mas se a situação política der uma puxada no tapete, serão umas bestas por não saberem fazer nada. Ou seja, ao invés de aristocratas, são uns incompetentes.

• P – *Freud, n' O Futuro de uma Ilusão, diz que educamos os filhos para uma festa, quando, na verdade, estão indo para uma guerra.*

Há que educar para a guerra e para a fome. Numa entrevista com Bill Gates, ele foi chamado de pão-duro porque educava os filhos para o pouquinho, mas ele estava certíssimo. A classe média brasileira é mazomba. São uns fodidos que, se melhoram de vida, querem tirar os filhos de tudo por que passaram. É uma imbecilidade!

• P – *Uma família começa a enriquecer, a segunda geração usufrui e a terceira arrebenta com o patrimônio.*

É o que se diz: pai rico, filho nobre, neto pobre. Já notaram que em certos países da Europa, nos Estados Unidos também, existem empresas familiares de séculos? As do Brasil acabam, porque filho nobre, neto pobre.